INSTITUTO CATÓLICO DE ESTUDOS SUPERIORES DO PIAUÍ
LICENCIATURA EM FILOSOFIA

CARLESSANDRO BOAVENTURA DA SILVA SANTOS

O COMPROMISSO COM A DIGNIDADE HUMANA:

Aspectos do personalismo de Emmanuel Mounier para uma nova ordem social em favor da pessoa

TCC - Filosofia
Cod. 5952
C 100 e
S 237c

ICSPI - Biblioteca
13.322 17/03/2021

TERESINA-PI
2019

CARLESSANDRO BOAVENTURA DA SILVA SANTOS

O COMPROMISSO COM A DIGNIDADE HUMANA:

Aspectos do personalismo de Emmanuel Mounier para uma nova ordem social em favor da pessoa

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Filosofia do Instituto Católico de Estudos Superiores do Piauí para obtenção do título de Licenciado em Filosofia sob a orientação do Prof. Dr. Pe. Possidônio Ferreira Barbosa Júnior.

TERESINA-PI
2019

SANTOS, Carlessandro Boaventura da Silva.

O compromisso com a dignidade humana: Aspectos do personalismo de Emmanuel Mounier para uma nova ordem social em favor da pessoa / Carlessandro Boaventura da Silva Santos – Teresina – PI, 2019. 49 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Instituto Católico de Estudos Superiores do Piauí – ICESPI, Curso de Licenciatura em Filosofia, 2019.

Orientador: Prof. Dr. Pe. Possidônio Ferreira Barbosa Júnior

1. Filosofia 2. Personalismo. 3. Pessoa e Comunidade. I. Título – Instituto Católico de Estudos Superiores do Piauí – ICESPI.

CDD 100

CARLESSANDRO BOAVENTURA DA SILVA SANTOS

O COMPROMISSO COM A DIGNIDADE HUMANA:

Aspectos do personalismo de Emmanuel Mounier para uma nova ordem social em favor da pessoa

INSTITUTO CATÓLICO DE ESTUDOS SUPERIORES DO PIAUÍ
Curso de Licenciatura em Filosofia

Data de aprovação: ___ de _____ de 2019

_____

Prof. Dr. Pe. Possidônio Ferreira Barbosa Júnior
Orientador

_____

Prof. Ms. Pe. Francidilso Silva do Nascimento
Primeiro Examinador

_____

Prof. Ms. Elisângela Amaral Soares Osório
Segunda Examinadora

DEDICAÇÃO

Dedico este trabalho e o meu carinho, em primeiro lugar, àquele que me chamou à vida, dando-me o dom da vocação. À minha querida Mãe Virgem Maria, que nunca abandona este filho, mesmo sendo tão fraco. Ao meu amigo Santo Antônio, que "cansou" de ouvir meus pedidos. Aos meus familiares, na pessoa da minha amada mãe Ana Lúcia Vieira da Silva, pelo aconchego em meio às tempestades da vida. Aos meus amigos, na pessoa da Carla Liima, anjo bom, que tornam a caminhada rumo ao céu mais doce. À minha madrinha de oração, Ir. Natividade de Paula, que me ensina, pela sua vida, a ser santo. Aos queridos padres que formam o clero da Arquidiocese de Teresina, na pessoa do Pe. Antônio Marcos da Conceição e do Pe. Aerton Marcos, e do Regional Nordeste IV, na pessoa do Pe. Gildo Coelho. Aos meus irmãos seminaristas, na pessoa do Leonardo Quirino, Francisco Euller, Aerto da Silva e Jair Leite (aos quais devo parte da minha congratulação neste itinerário vocacional). Aos irmãos seminaristas arquidiocesanos, na pessoa do José Enéas, que tanto auxiliam na minha vocação.

AGRADECIMENTOS

À Santíssima Trindade, Pai, Filho e Espírito Santo, fonte da comunhão e do amor da Igreja. À Arquidiocese de Teresina, na pessoa do meu querido pai Dom Jacinto. Aos queridos amigos benfeitores do projeto *Terra Sacerdotal* pelo apoio e incentivo às vocações. Ao corpo formativo do seminário, na pessoa do Pe. Antônio Soares. Aos funcionários das nossas casas de formação, na pessoa da Francisca Josélia, nossa cozinheira. Ao corpo de funcionários do ICESPI, na pessoa do seu diretor, padre Clodomiro de Sousa e Silva e do Prof. Dr. Pe. Possidônio Júnior, meu orientador. Aos componentes da banca examinadora Ms. Pe. Francidilso Nascimento e Prof. Ms. Elisangela Osório, pela paciência e disponibilidade. À paróquia mais linda do mundo, Cristo Libertador, na pessoa do meu pároco Pe. Paulo Fernandes.

"A 'pessoa' de Mounier é semelhante ao mistério estético do Belo:
em si, é inefável, mas se deixa conhecer pela manifestação de uma obra."

Minhas elucubrações

"Aos cristãos, só pedimos que sejam eles mesmos.
É verdade que esta é, sem dúvida, a Revolução."

Emmanuel Mounier

RESUMO

O personalismo de Emmanuel Mounier, enquanto proposta teórica, pretende oferecer bases sólidas para uma filosofia da ação. O seu jeito próprio de filosofar não se prende ao rigorismo dos sistemas, mas parte da própria pessoa e do acontecimento. Sua proposta principal é restaurar a concepção da pessoa enquanto ser possuidor de uma dignidade inalienável e, concomitantemente, essencialmente comunitário. Eis porque sua empreitada filosófica não pode prescindir da pessoa e da comunidade. O contexto, no qual se encontra o filósofo, é terreno fecundo para a atuação dessa proposta, dado que a pessoa humana amiúde era relativizada em sua dignidade e, além disso, as ideologias políticas totalizadoras transformavam a pessoa em objeto através dos fenômenos de massificação, que, de fundo, eram a negação da comunidade de pessoas. O pensamento personalista de Mounier se apresenta, então, como uma proposta para o estabelecimento de uma nova ordem social a favor da pessoa.

PALAVRAS-CHAVE: Pessoa humana; Comunidade; Dignidade; Engajamento.

RÉSUMÉ

Le personnalisme d'Emmanuel Mounieur, pedant proposition théorique, l'intentio d'action des bases solide pour une philosophie d'action. Votre chemin de ne pas philosophie ne tient pas al rigorisme des systems, masi part de prope persone et de événement. Votre proposition principal et restaurer la conception de persone pendant être possesseur de un dignité inalienable et, concomitamment, essentiellement communautaire. Voici porquoi votre entrepise philosophique ne peut pas se passer de la personne et de la communauté. Le contexte dont, le philosophe est trouver, et terrain fécond performance cette proposition, étant donné que la personne humaniser solvente ére relativisé en votre dignite et, de plus, las ideologies politiques totalisateur tourné la personne dans objet à travers des phénoménes de massification, que étaient une négation de la communauté de personnes. Le pensée personnaliste de Mounier se presente, alors, em tant que une proposition à a surmonter cette phénomène.

MOTS–CLES: Personne Humaine; Communauté; la dignité; Engagement.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO 10
2 A DESORDEM ESTABELECIDA E A CONCEPÇÃO DE PESSOA EM MOUNIER 12
2.1 Existência incorporada: a imergência e a emergência da pessoa 15
2.2 O recolhimento como conversão íntima 18
2.3 A comunicação como fato primitivo 20
3 A PESSOA COMO VALOR ABSOLUTO 23
3.1 O personalismo frente ao desconhecimento do outro e a liberdade do eu 23
3.2 A liberdade na condição existencial da pessoa 27
3.3 A noção de dignidade e a consciência valorativa da pessoa 30
4 O COMPROMISSO COM A DIGNIDADE HUMANA 34
4.1 O engajamento político como voz profética da pessoa na história 34
4.2 A formação de uma comunidade personalista 38
4.3 O papel do Estado e a revolução econômica e espiritual 41
5 CONCLUSÃO 45
REFERÊNCIAS 47

1 INTRODUÇÃO

O tema a ser discutido nesta pesquisa versa em torno das perspectivas que constituem a filosofia personalista de Emmanuel Mounier no que diz respeito à pessoa e à comunidade, e tem por objetivo, a partir destes princípios, oferecer caminhos para o compromisso com a dignidade da pessoa humana como forma de construção de uma nova sociedade em favor da pessoa. A ideia geral é traçar, de acordo com pensamento do filósofo, um itinerário metodológico, partindo da concepção de pessoa humana, passando pela noção de dignidade, até desembocar no engajamento, na comunidade personalista e no papel do Estado nesse comprometimento. Para tanto, utilizar-se-á como obra principal *O personalismo* (1964), de Mounier, bem como outras obras de sua autoria, além de comentadores e outros materiais complementares.

Nessa tarefa, cumpre, no primeiro momento, dado que a filosofia está na história, destacar o cenário crítico europeu do século XX, visto que é a partir desse acontecimento que o pensamento personalista mounieriano se desenvolve. Além disso, destacar-se-á os problemas do materialismo, do espiritualismo, do individualismo, bem como a resposta de Mounier para essas questões. Ver-se-á que Mounier concebe a pessoa como existência encarnada, isto é, a pessoa como sendo espírito, mas espírito encarnado em um corpo. Ademais, a pessoa é um movimento em direção ao outro, o que manifesta sua condição comunitária. Esse devir, no entanto, supõe uma interiorização ou recolhimento, que é uma conversão íntima que proporciona à pessoa uma unificação de si, uma abertura à transcendência e a singularidade de sua vocação.

O que impulsiona a pesquisa, no segundo momento, é a necessidade de refletir sobre o valor absoluto da pessoa, isto é, sua dignidade. Para isso, buscar-se-á compreender o *outro* como um *outro-eu* que constrói o *eu*. É uma condição necessária de realização pessoal a existência do *outro* e a relação intersubjetiva, que é fundadora da comunidade. Refletir-se-á também sobre a liberdade, conceito caro ao personalismo mounieriano, pois confere à pessoa a proteção contra as alienações e a responsabilidade diante das situações concretas da história. No final do segundo capítulo, buscar-se-á esclarecer os fundamentos da dignidade humana partindo dos pressupostos oferecidos por Mounier.

À guisa de conclusão, essa pesquisa buscará aliar o pensamento à prática social e política, destacando as pistas que Mounier oferece para uma revolução personalista e comunitária e para a construção de uma nova ordem social. Para isso, partir-se-á da autoconscientização da pessoa perante sua dignidade e a dignidade do outro, bem como de sua

vocação na história. Nesse sentido, a pessoa humana será apresentada na perspectiva do engajamento. Além disso, como resultado da inclinação natural da pessoa à comunhão, buscar-se-á expor a comunidade personalista pensada por Mounier como modelo de comunidade ideal. Por fim, elucidar-se-á, no pensamento de Mounier, o papel que o Estado deve exercer perante a pessoa humana, bem como a importância dos aspectos materiais e espirituais para o estabelecimento de uma nova sociedade.

2 A DESORDEM ESTABELECIDA E A CONCEPÇÃO DE PESSOA EM MOUNIER

A filosofia personalista de Emmanuel Mounier (1905-1950), como proposta filosófica, antropológica, ética e política, surge na França diante de um contexto ocidental marcado por profundas mudanças sociais, resultado dos conflitos e crises na Europa no século XX. Os principais acontecimentos que marcam esse período de evolução da filosofia personalista mounieriana são, principalmente, a Grande Depressão de 1929, como resultado da fragilidade do sistema capitalista, a ascensão de governos de direita (nazifascismo) e de esquerda (stalinismo) radicais, a atuação da Resistência Francesa – união de diversos movimentos de esquerda com o objetivo de libertar a França da ocupação alemã – e da Frente Popular Francesa (1936), a Segunda Guerra Mundial e a Guerra Fria.

Esses acontecimentos desembocaram na *desordem estabelecida*, expressão utilizada por Mounier para designar o até então cenário crítico europeu. Essa desordem não se restringiu somente à Europa, mas alastrou-se pelo mundo. Segundo Mounier, o desastre econômico da queda da Bolsa de Valores de Nova York em 1929 que deixara grandes prejuízos de escala global, como o desemprego, a miséria social e a queda de produção industrial, era resultado de uma crise mais profunda, a espiritual ou de valores. Essa crise é a crise do homem nascido do mundo burguês[1], que fez da razão o seu deus, e de si mesmo a razão do mundo. Na obra *O personalismo,* Mounier (1964, p. 173) afirma que essa sociedade, convencida de sua soberania racional, recebeu três golpes que a desestabilizou através de Marx, Freud e Nietzsche.

> Em cem anos foram dadas três machadadas nesta civilização demasiado convencida do seu equilíbrio: para lá das harmonias econômicas, Marx revelava a luta sem tréguas de profundas forças sociais; para lá da harmonia psicológica, Freud descobria o turbilhão dos instintos; finalmente Nietzsche anunciava o niilismo europeu.

O renascimento tem vários desdobramentos, como o racionalismo, o iluminismo, o idealismo, o espiritualismo, a Revolução de 1789, etc. Esse evento, sem dúvidas, trouxe grandes benefícios para a humanidade, como o desenvolvimento do método científico, a cura de doenças até então incuráveis, a revolução copernicana e o desenvolvimento da indústria. Entretanto, seu maior equívoco foi ter colocado todas as suas esperanças na razão e em si

[1] É importante explicitar que o termo *burguês* é utilizado por Mounier para designar o *renascimento* (mais precisamente, a partir do século XVI), período da história em que o homem europeu operou uma mudança radical a nível mundial nas estruturas sociais e no pensamento filosófico. Os principais valores dessa época são o antropocentrismo, o racionalismo, o cientificismo, o naturalismo e o individualismo.

mesmo. Ademais, Mounier percebe que a sociedade europeia sente também os efeitos do individualismo que, de acordo com Coq (2012, p. 23), é resultado de uma revolução inacabada do Renascimento, no sentido que essa evolução fez imergir o indivíduo contra a forma tradicional da sociedade, mas não equilibrou este nascimento com a nova organização da sociedade. Deste modo, postula Mounier que

> O individualismo é um sistema de costumes, de sentimentos, de ideias e de instituições que organiza o indivíduo partindo de atitudes de isolamento e de defesa. Homem abstrato, sem vínculos nem comunidades naturais, deus supremo no centro duma liberdade sem direção nem medida, sempre pronto a olhar os outros com desconfiança, cálculo ou reivindicações [..] eis a forma de civilização mais pobre que vemos agonizar, sem dúvida, uma das mais pobres que a história jamais conheceu. (1964, p. 63).

O individualismo é contraditório ao personalismo já em sua raiz, quando propõe ao homem uma espécie de realização pessoal solitária. Tal realização exime a criação de laços e compromissos, o que torna o homem uma ilha, fazendo assim com que ele fique surdo face às necessidades dos outros. Segundo Mounier (1964, p. 77), ao fazer do homem a medida de todas as coisas, até mesmo os conceitos de humanidade, história e comunidade são levados ao relativismo. O modelo de vida individualista, além disso, reflete na sociedade, quando esta se torna um espaço de busca de interesses pessoais, onde cada pessoa busca a si mesmo especulando que com isso se tornará mais pessoa: "[...] cada um por si, e todos estarão bem servidos, eis aí, nos costumes, a transcrição desta sábia doutrina." (MOIX, 1968, p. 144). A ideologia individualista, para o personalismo mounieriano, não contribui para a realização pessoal, antes a aliena.

Diante destas profundas transformações, não se sabia mais quem era a pessoa humana nem, tampouco, o que era uma comunidade de pessoas, e a relativização de sua dignidade a transformou em objeto, fatos que são demonstrados pela atuação dos sistemas totalitários que massificavam os indivíduos. Nisso se fundamenta a dura crítica que Mounier dirige aos sistemas totalitários, quando alienavam os indivíduos em sua liberdade, colocando o Estado e o seu chefe acima da pessoa. Mounier, por isso, percebia a necessidade de resgatar o valor da comunidade como lugar privilegiado da realização pessoal.

A crítica de Mounier é dirigida ainda, de maneira bastante incisiva, ao capitalismo, pois, na sua concepção, este sistema colocava a pessoa em função da produção e do capital. Nesse sentido, Costa, em sua tese de mestrado denominada *A emergência e a insurgência da pessoa humana na História* assegura que

> A capacidade destrutiva de qualquer sistema – o capitalista, o fascista, o nazista e o comunista, todos negadores da pessoa – é igual, só mudando os requintes. Para Mounier nunca houve maior desprestígio em tentar um diálogo com um fascista ou um nazista com um rifle na mão do que com um capitalista que decide irresponsavelmente a vida de centenas de milhares de pessoas com um telefonema do seu gabinete. Na verdade [...] haveria mais "contato humano" em relação ao fascista e o nazista, nem que seja com base no ódio e em relação aos eventos dos quais eles se colocam claramente como responsáveis, do que com o ser anônimo acima de qualquer suspeita que e o capitalista imita. Notamos, então, apenas uma diferença específica do pai – o capitalismo – em relação aos seus filhos: os filhos se apresentam uniformizados, passíveis de identificação. (2009, p. 556-557).

Diante da crise estabelecida, o problema filosófico, segundo Mounier, que estava subjacente gira em torno da pessoa e da comunidade. Materialistas e espiritualistas apontavam soluções opostas, mas para Mounier, nenhuma dessas correntes, partindo de um viés reducionista da existência da pessoa humana, poderia oferecer uma resposta adequada.

O espiritualismo tinha por base a afirmação da existência o primado dos valores espirituais (liberdade, espírito ou consciência, Deus etc.). Em sua fase inicial na França com Maine de Biran (1766-1824), segundo Mounier (1964, p. 29), o espiritualismo foi um instrumento de denúncia contra os ideólogos que dissolviam a realidade concreta nos pseudo-elementos da consciência. Entretanto, Mounier emite suas críticas ao espiritualismo francês do século XX, quando esta corrente reduzia a matéria e, por conseguinte, o corpo, à aparência do espírito. Além disso, Mounier critica um espiritualismo desencarnado, desvinculado das situações históricas. Em sua perspectiva, esse espiritualismo era nocivo enquanto desconsiderava a necessidade de engajamento da pessoa.

O materialismo, por sua vez, é uma filosofia reducionista que tem por princípio a matéria como constituinte dos seres. O materialismo, enquanto reflexão filosófica tem suas raízes nos pré-socráticos atomistas Leucipo e Demócrito. Mais tarde, Karl Marx se fundamentaria no materialismo para desenvolver sua teoria dialética da história humana. O neomarxismo do século XX, realizando uma releitura dogmática do marxismo clássico, se baseia teoricamente no materialismo para afirmar a não existência de realidades além das imanentes, reduzindo dessa forma a pessoa, apenas à sua dimensão material. A consciência da pessoa é compreendida, nessa perspectiva, como resultado da dinâmica histórica da dialética econômica. Um dos seus principais representantes na França é Roger Garaudy (1913-2012). A esse marxismo, Mounier também se opõe.

> Há um marxismo que é uma filosofia totalitária, fazendo de toda atividade espiritual um reflexo das circunstâncias econômicas, negligenciando ou

> negando os mistérios do homem e do ser, não encarando outro nível do homem senão o que está em contato com a vida de nutrição e relação. (MOUNIER apud LORENZON, 1996, p. 99).

Mounier recusou separar matéria e espírito, bem como buscou a superação do individualismo, afirmando a intrínseca dimensão comunitária da pessoa. Em sua visão, para que houvesse o estabelecimento de uma nova ordem social, era necessário levar em conta a pessoa em sua totalidade, restituindo o sentido de uma economia a favor da pessoa, o resgate dos valores, sobretudo o valor absoluto da pessoa, e a construção de uma comunidade de pessoas, em contraposição ao espírito burguês. Por isso, era preciso operar em favor da pessoa e da comunidade.

2.1 Existência incorporada: a imergência e a emergência da pessoa

Emmanuel Mounier ofereceu uma compreensão filosófica da pessoa humana. Todavia, deve-se partir do pressuposto de que, na concepção mounieriana, o conhecimento sobre a pessoa é uma tarefa que implica dificuldades pelo fato, segundo ele, de a pessoa em si ser mais do que aquilo que se apresenta ao mundo. (MOUNIER, 1964, p. 18). Dessa forma, não se pode esperar que o personalismo defina a pessoa, pois isso seria uma contradição ao pensamento do filósofo que, manifestamente, evidencia que "[...] só se definem objetos exteriores ao homem, que se podem encontrar ao alcance da nossa vista." (MOUNIER, 1964, p. 17). A pessoa humana, em si, é, pois, segundo sua perspectiva, uma permanência aberta, isto é, é indefinível em sua totalidade. Entretanto, isso não significa que não exista nenhum acesso ao universo pessoal. Na obra *Manifesto ao serviço do Personalismo* (1967, p. 84), o filósofo francês nos oferece uma aproximação conceitual daquilo que entende por pessoa.

> Uma pessoa é um ser espiritual constituído como tal por uma subsistência e de independência no seu ser; ela se alimenta dessa subsistência por sua adesão a uma hierarquia de valores livremente adotados, assimilados e vividos por uma tomada de posição responsável e uma constante conversão; ela unifica assim toda a sua atividade na liberdade e desenvolve, por acréscimo, por força de atos criadores, a singularidade de sua vocação.

Mounier utiliza o termo *existência incorporada* para referir-se à dupla capacidade da pessoa humana de ser um ser natural e, ao mesmo tempo, um ser espiritual[2]. Partindo do

---

[2] Utilizar-se-á aqui os termos *imergência* em referências à natureza física do homem e *emergência* para sua transcendentalidade, ou espiritualidade.

estudo do universo objetivo, o filósofo busca demonstrar a imergência da pessoa na natureza. Segundo ele,

> O meu feitio e a minha maneira de pensar são amoldadas pelo clima, a geografia, a minha situação à face do globo, a minha hereditariedade, e, talvez, até pela ação maciça dos raios cósmicos [...] Nada está em mim que não esteja imbuído de terra e sangue. (MOUNIER, 1964, p. 40).

A imergência da pessoa na natureza é atestada, sobretudo, pela sua dimensão corpórea. É através do corpo que ela se faz, se afirma, se transforma e transforma a natureza. Para Mounier, "a pessoa é exatamente corpo como é espírito. É integralmente corpo e espírito." (1964, p. 40). Destarte, a pessoa não é somente pensamento que reflete, mas também corpo que se desloca, que se comunica e que está ligado ao cosmo e à sociedade, afetado, ao mesmo tempo em que afeta a história. Corpo e espírito são, neste sentido, uma única e mesma coisa, uma união substancial.

Ao defender essa união substancial entre corpo e espírito, Mounier parece recorrer à doutrina hilemórfica de Aristóteles, retomada no período escolástico. Segundo Vaz (1991, p.69), nessa teoria, a pessoa humana é concebida como um composto de corpo e alma, de matéria e forma. Ao propor o hilemorfismo, Aristóteles se contrapõe simultaneamente ao idealismo platônico e ao materialismo de Leucipo e Demócrito. Contrariando Platão, a alma não seria uma realidade transcendente anexada ao corpo, mas forma substancial do corpo.

Entretanto, para o personalismo de Mounier, não basta ter claro que a pessoa é corpo. A natureza enquanto realidade impessoal é o lugar da existência pessoal. O corpo é o meio de expressão dos sentimentos, dos pensamentos e da linguagem. Por essa razão, Mounier viu a necessidade de contrapor a visão platônica negativista do corpo, recobrando assim o valor inestimável deste para a pessoa. Na concepção mounieriana, a natureza corpórea não é uma queda, um castigo, mas antes é o meio de realização pessoal do ser humano. (MOUNIER, 1964, p. 41).

Mounier também argumenta que a pessoa, em si, é também movimento de transcendência. Atestar a transcendentalidade da pessoa é, no entanto, trabalho complexo pelo fato de que, muitas vezes, a razão, só tem como verdadeiro, como existente, aquilo que experimenta, que apalpa, que vê. A existência espiritual da pessoa, no entanto, se deixa intuir justamente através da pessoa. O ponto de partida de Mounier é a profunda ligação entre pessoa e natureza. Em si, a natureza oferece um feixe infinitamente complicado de determinações (MOUNIER, 1964, p. 43) que, de certa forma, limita os seres. Todavia, ao

tomar consciência de tais determinações, a pessoa não se conforma como os outros animais: quando a natureza impôs-lhe o rigoroso frio e o iminente perigo de ser devorado por outras espécies, ela descobriu como produzir o fogo; para expressar seus sentimentos, criou os códigos da linguagem e a escrita; quando estas se tornaram limitadas por conta do espaço e do tempo, inventou a internet e o telefone; ao não ser dotado de asas, criou instrumentos para ganhar os ares. Por isso, a descoberta de novos aparentes determinismos não precisa ser fator de limitação, mas pode ser de libertação.

Postula Mounier que, diferentemente dos outros animais, que não são dotados de capacidade transcendente, a pessoa não é só um ser natural, mas possui a capacidade de transcender a natureza, isto é, é espiritual: "[...] O homem singulariza-se por uma dupla capacidade de romper com a natureza. Só ele conhece esse universo que o absorve e só ele o pode transformar, ele, o menos armado e o menos poderoso dos grandes animais." (1964, p.43).

Essa capacidade de superar a natureza aponta também para outra característica fundamental da pessoa, qual seja, a sua liberdade. Entretanto, no personalismo mounieriano, não é só pelo fato de que homem se utiliza da razão para transformar a natureza e se libertar de alguns determinismos para benefício próprio que se atesta sua emergência. A pessoa também busca ultrapassar-se através do movimento de transcendência de si em direção ao *outro*, e em direção aos valores. Além disso, há outra capacidade que só o ser humano possui: a capacidade de amar. Logo, segundo Severino,

> A transcendentalidade do homem sobre a natureza na qual está originariamente inserido vem de sua capacidade distintiva de só ele conhecê-la e transformá-la, de sua exclusiva capacidade de amor, de liberdade, capacidade de superar o rígido determinismo que regula a natureza. (1974, p. 54).

Ao desdobrar esse esclarecimento sobre a imergência e a emergência da pessoa em relação à natureza, Mounier afasta do pensamento personalista uma espécie de acomodação e abstracionismo, que podem encerrar os espiritualistas, fazendo compreender que há necessidade de engajamento. Ademais, procura encontrar bases sólidas (teóricas) para a ação, que não pode ser entendida exclusivamente por uma ótica materialista e econômica, pois se assim o fosse, a alienação seria inevitável. Por isso, para Mounier, o espírito não existe sem o corpo, e o contrário é verdadeiro.

2.2 O recolhimento como conversão íntima

Um dos conceitos utilizado por Mounier para descrever o universo pessoal é o recolhimento (*le sur soi*). O recolhimento não é uma antítese da comunicação, mas lhe é complementar, visto que a vida pessoal se caracteriza por uma dialética num constante movimento de concentração e disposição do ser. Ele é uma necessidade na existência pessoal porquanto uma vida vivida apenas na superfície do ser faz com que a pessoa se perca no exterior e viva como coisa ou como animal, isto é, como ser irreflexivo, apegado puramente aos instintos e vulnerável a perder-se no universo dos outros, o que causa necessariamente sua demissão. Assim, postula Mounier (1964, p. 82):

> Em cima da minha mesa existe uma pedra. Existe, do mesmo modo que existe um cruzamento, ou seja, é aquilo que são as forças que sobre ela cruzam e nada mais [...] O homem pode viver como uma coisa. Mas, como não é uma coisa, uma tal vida apresentará sempre aspectos de uma demissão.

Por conseguinte, a vida pessoal caracteriza-se pela capacidade que a pessoa tem de romper com o dado, isto é, pela autonomia do ser em agir, mas agir de modo reflexivo, de acordo com seus valores. Além disso, a pessoa carrega em si um mistério, um segredo que, se respeitado a partir da reserva na expressão e na descrição, faz com que a mesma não seja esgotada em suas relações. Esse segredo só é preservado se, e somente se, houver uma certa distância espiritual que se manifesta sobretudo no pudor, virtude pela qual a pessoa exime-se do esvaziamento de seu ser, e o oposto dessa virtude é a vulgaridade. Desta forma, expressa-se Mounier:

> O pudor é o sentimento da pessoa que não quer ser esvaziada nas suas expressões, nem ameaçada em seu ser pelos sentimentos que assumiria sua existência, uma vez que esta totalmente se manifestasse. O contrário do pudor é a vulgaridade, o consentimento em não ser mais do que o que oferece a aparência imediata quando se exibe perante os olhares do público. (MOUNIER, 1964, p. 85).

O recolhimento é característica fundamental do ser humano enquanto manifesta sua capacidade de transcender às situações que a sociedade ou a natureza o impõe, e este movimento de interiorização está ligado de maneira intrínseca ao movimento em direção ao *outro*, pois, quando não vinculado à necessária ação e ao imprescindível movimento para o *outro*, o recolhimento pode ser identificado com o egoísmo ou narcisismo. Diferentemente destes, o fruto do recolhimento sadio é a pulsação do movimento para fora de si.

UFPI - BIBLIOTECA
13.322 07/03/2021

> Demasiada ruminação dissipa-nos, demasiada interioridade subtiliza-nos, demasiada atenção a nós próprios, mesmo que seja espiritual, instala o egocentrismo como um cancro em terreno próprio [...] A pessoa é uma interioridade que tem necessidade de uma exterioridade [...] é preciso que não desprezemos tanto a vida exterior: sem ela, a vida interior tornar-se-ia incoerente, tal como, esta sem aquela mais não seria que delírio. (MOUNIER, 1964, p. 39).

O recolhimento é, dessa forma, o movimento de concentração de todas as forças espirituais da pessoa. É também um movimento de superação de si, no sentido de si mesmo, buscando uma unificação interior, o que Mounier nomeia como *conversão íntima.* É somente dessa maneira que a pessoa consegue estabelecer e preservar relações benéficas para si: quando se possui – no sentido de voltar-se para si por meio da reflexão, e de meditar sobre si e sua singularidade no vasto universo que a rodeia – para dar-se. Com o recolhimento, a pessoa não se perde no turbulento mundo dos outros, e, assim, tem a possibilidade de estabelecer uma frutuosa relação com o *outro*. Para a filosofia personalista, toda ação que não é precedida por uma reflexão corre o sério risco de se tornar alienante e alienada. Assim argumenta Moix (1968, p. 158),

> Uma luta contra o "tudo muito natural", uma conquista ativa, uma mediação que prepara para a ação, tal é o sentido do recolhimento: não busca o silêncio pelo silêncio, nem a solidão pela solidão, mas o silêncio porque com ele se prepara a vida, e a solidão porque nela se encontra o homem.

Em última análise, a viagem para dentro de si mesmo tem como objetivo a descoberta da vocação, entendida como "[...] o despertar do homem enquanto ser pensante, enquanto ser *em-si*. É a escuta do chamado para uma unidade, o que não pode ser assumido senão pela própria pessoa." (NASCIMENTO, 2019, p.238). Nessa perspectiva, a pessoa humana é chamada para entender-se como pessoa humana, no sentido de aproximar-se de sua singularidade que a caracteriza enquanto tal, e que a torna não inventariável. De acordo com Mounier,

> A vocação é, pois, para a pessoa, ao mesmo tempo unificação de si, de seu espiritual independente, recolhimento ao seu secreto, a intimidade, ao privado e abertura do mais secreto de si mesma à transcendência que a explica, sustenta, e chama, sempre conservando totalmente o uso de sua liberdade interior. (MOUNIER, 1971, p. 63-64).

A descoberta e a vivência dessa vocação possibilitam à pessoa uma arma eficaz contra a objetivação e a massificação, dado que, ao perceber-se como singular e irrepetível, a pessoa humana possui as condições necessárias para não se perder em meio à massa.

O arcabouço teórico deste capítulo é um itinerário, ainda que não exaustivo, para oferecer uma reflexão acerca daquilo que constitui a pessoa humana na concepção do personalismo de Mounier. É importante, no entanto, deixar claro que a análise que Mounier realiza, não é uma ontologia antropológica aprofundada, mas uma aproximação do universo pessoal a partir dos principais sinais que a pessoa humana apresenta. Contudo, tal compreensão é necessária, pois, juntamente com a abordagem da pessoa humana como valor absoluto, que será feito no segundo capítulo, oferece as bases para o comprometimento com a dignidade humana e a construção de uma nova ordem social a favor da pessoa. A partir da existência incorporada e da sua compreensão como vocacionada, a pessoa não pode prescindir do engajamento. Como ser essencialmente comunitário, é necessário resgatar o valor da comunidade.

2.3 A comunicação como fato primitivo

No personalismo de Mounier, a dimensão comunicativa é outra característica que distingue profundamente a pessoa humana dos outros animais, pois embora estes utilizem sons ou gestos entre si, tais ações não devem ser identificadas com a comunicação humana, visto que são resultados de um instinto natural, irrefletido. A comunicação humana, por seu turno, designa não apenas o resultado de um instinto natural, mas a manifestação de sua transcendentalidade. Na natureza humana, comunicação e transcendência são inseparáveis, como o é a pessoa da natureza. Assegura Mondin:

> O que é absolutamente peculiar ao seu ser (do homem) com relação ao das outras coisas deste mundo é que, não obstante a autonomia no ser, não obstante a sua clausura ontológica, não obstante a sua força individual, ele conserva uma extrema abertura intencional (tanto no conhecer como no querer), pela qual é capaz de toda sorte de comunicação com as coisas, com os outros e com Deus. (2015, p. 296).

O personalismo de Mounier concebe a comunhão como a experiência fundamental da pessoa. A pessoa, nessa perspectiva, só se realiza enquanto tal na relação com os outros, ainda que por vezes essa relação seja incutida de dificuldades por conta de diferentes perspectivas e modos de ser. A pessoa humana, no mesmo movimento que a faz existir, a faz também

expor-se e exprimir-se. (SEVERINO, 1974, p. 82). Essa saída de si proporciona à pessoa uma espécie de purificação de seus instintos egoístas que a encerram no próprio universo, nas próprias convicções, em outras palavras, em um profundo ensimesmar-se. A superproteção acaba por atrofiar o homem, despersonalizando-o. Na perspectiva do personalismo, o movimento de si em direção ao outro aumenta e confirma o ser de cada pessoa. Assim, na medida em que o individualismo encerra a pessoa em si, a primeira preocupação do personalismo é superar esse solipsismo.

Mais uma vez, Mounier (1964, p. 63) parte de uma análise de experiências da própria pessoa para evidenciar a dimensão comunicativa da mesma, para tanto, retoma primeiramente à infância e recorda que o ser humano, embora sendo o mais inteligente dos animais, é o ser que mais necessita do outro para que possa se desenvolver e se encontrar no mundo.

Nesse sentido, Jacques Lacan (1901-1981), contemporâneo e compatriota de Mounier, corrobora, no campo da ciência psicológica, o que este afirmou no campo filosófico. Através de sua famosa teoria do *Estádio do espelho*, o psicanalista demonstrou que o indivíduo só se reconhece como pessoa e como sujeito social através da interação com o *outro*. Em um Congresso de Psicanálise realizado em Zurique, Suíça, Lacan (1998, p. 96) aponta que "A função do estádio do espelho revela-se para nós, por conseguinte, como um caso particular da função da imago, que é estabelecer uma relação do organismo com sua realidade." A teoria recebe esse nome como uma metáfora no que diz respeito ao relacionamento do bebê com a mãe.

De acordo com Justo (2004, p. 83), a teoria parte da experiência do bebê frente a um espelho. Diante do espelho, num primeiro momento, o bebê é indiferente ao que é projetado à sua frente. Em um segundo momento, o bebê é tomado por uma admiração e curiosidade frente àquilo que lhe é apresentado, pois reconhece aquela imagem não sendo sua, mas com se fosse de outra pessoa. Num momento posterior, o bebê, procurando certificar-se da existência daquela outra pessoa, olha atrás do espelho. Deste modo, começa a evidencia-se na criança a ideia de que aquilo que aparece no espelho é apenas uma imagem, mas ainda não reconhecida plenamente como sendo sua própria. No estádio final, a criança é, então, capaz de se reconhecer na imagem, diferenciando o representante do representado, isto é, reconhece que aquela imagem é apenas um reflexo do seu *eu* e que é ela quem está captando a própria imagem.

Observa-se aqui, então, uma forte ligação entre a filosofia de Mounier e a psicologia de Lacan. Com efeito, afirma Mounier, que "A experiência primitiva da pessoa é a

experiência da segunda pessoa. O Tu e, adentro dele, o Nós, precede o Eu, ou pelo menos o acompanha." (MOUNIER, 1964, p. 64).

O objetivo de Mounier ao esclarecer essa experiência da pessoa é desfocalizá-la de si para que, superando o egoísmo que incide sobre sua vida como uma forma de narcisismo, possa se abrir à experiência do amor, entendido não de uma maneira sentimentalista, passiva, mas de decisão, de ação, de saída de si. Segundo o filósofo de Grenoble, "é tão profunda essa relação de comunicação, que [...] poder-se-ia quase dizer que não existo senão na medida em que existo para o outro e, em uma frase limite, ser é amar." (1964, p. 64). Com essa afirmação e com seu pensamento sobre a condição comunicativa da pessoa, Mounier realiza uma revolução copernicana em relação ao *cogito* cartesiano: se em Descartes existir é pensar, para Mounier, ser é amar.

Para a filosofia personalista, portanto, o crescimento e a realização plena da pessoa só acontecem à medida que ela corresponde a este intrínseco apelo de comunhão, que a projeta para fora de si mesma, em direção ao mundo que a rodeia, para o *outro* e para o transcendente através da experiência dos valores. Estes movimentos são próprios de sua espiritualidade.

3 A PESSOA COMO VALOR ABSOLUTO

Mounier estava atento às dificuldades que existem nas relações, mas, ao mesmo tempo, precisava demonstrar que essas dificuldades não se constituem como obstáculos intransponíveis, pois, caso contrário, sua teoria encontraria aqui contradição. Por isso, ele desenvolve uma filosofia dialógica da pessoa, entendida como um ser de relações, que supera a si mesma e se relaciona com o *outro* numa perspectiva intersubjetiva de construção mútua. A pessoa vocacionada e interiormente comunicativa é também um ser livre. Embora essa liberdade não seja ilimitada, é ela que confere à pessoa responsabilidade dos seus atos.

Analisando essas prerrogativas, o foco neste momento da pesquisa é descrever a pessoa como um valor absoluto que, na perspectiva do filósofo, não se anula nas relações, sendo livre e possuindo uma dignidade indelevelmente associada à sua condição de ser humano, sendo insubstituível enquanto pessoa e que supera o rígido esquema do tempo, aspirando a valores que a chamam constantemente a superar-se.

3.1 O personalismo frente ao desconhecimento do outro e a liberdade do eu

No capítulo anterior, a pessoa humana foi apresentada como essencialmente comunitária. Essa característica, no entanto, não a exime da necessidade do esforço pessoal em estabelecer relações. Na concepção do personalismo mounieriano, a vida pessoal é um constante movimento dialético de recolhimento e ruptura. A ordem da pessoa, assim, surge em uma tensão fundamental, em um duplo movimento dialético: o recolhimento proporciona à pessoa a afirmação dum absoluto pessoal que garante sua irredutibilidade diante das relações, ao passo que a ruptura, isto é, o movimento de saída de si, confere à pessoa a possibilidade da formação de uma unidade universal no mundo das pessoas. (MOUNIER 1964, p. 77). Como consequência direta da conversão íntima e da exterioridade na relação com o *outro* a pessoa é preparada para uma existência autêntica. Esse entendimento é importante, porque a relação é o princípio fundador da comunidade.

No processo de autoafirmação pessoal, o diálogo e o confronto com o *outro*, com os acontecimentos e com o mundo constituem-se como meios indispensáveis. Nesse sentido, Mounier utiliza o termo *afrontamento* para referir-se ao movimento que a pessoa realiza para fora de si, com o objetivo de ser, isto é de existir de maneira singular. Comentando o termo afrontamento, Lorenzon (1996, p. 53) argumenta que

> O afrontamento é "a posição do homem de pé, face descoberta, diante daquele que chega, seja amigo ou inimigo (e sem dúvida ele é os dois ao mesmo tempo), posição que é, simultaneamente, acolhimento e combate". O afrontamento evoca, pois, ao mesmo tempo um poder de força e de generosidade, de afirmação de si e de abertura, de acolhimento e de ruptura, de luta franca e de compreensão simpática.

A filosofia personalista concebe a pessoa como única e, por isso, irrepetível. Enquanto ser, a pessoa jamais pode ser substituída por outra. Entretanto, não é sempre que a pessoa compreende essa singularidade, o que a torna, não poucas vezes, passiva de alienação. Para Mounier, tal situação advém do fato que "A maioria dos homens prefere a escravidão na segurança ao risco na independência, a vida material e vegetativa à aventura humana." (MOUNIER, 1950, p. 107). Por isso, na perspectiva do filósofo, afirmando-se a si mesma, a pessoa deve dizer não somente sim, mas também não para as mais diversas solicitações que lhe são propostas, para com isso evitar qualquer tipo de alienação que a possa subjugar à possível tirania do outro. De acordo com Severino (1974, p. 76),

> [...] existir pessoalmente exige, algumas vezes, uma oposição, uma ruptura. Senão, a vida pessoal, sob o peso das adesões, atolar-se-á na adaptação, no conformismo ou na alienação. É preciso protestar, recusar e dizer não. Negação e protesto que tende atingir incessantemente todos os elementos da vida. Eu não salvaguardo, parece, minha leveza de manobra e como que a própria juventude de meu ser senão colocando tudo em questão a todo instante: crenças, opiniões, certezas, fórmulas, adesões, hábitos, pertinências. A ruptura, o afastamento, são categorias essenciais da pessoa.

Para o personalismo, o processo que conduz à pessoa a um verdadeiro caminho de personalização é um movimento de exterioridade, de afrontamento. O processo de afrontamento constitui-se necessariamente de luta de força, que não se identifica com a força de violência, mas à força interior e espiritual, que proporciona à pessoa romper com a clausura do individualismo.

Na concepção mounieriana, o afrontamento também pode ser entendido numa perspectiva intersubjetiva. Com efeito, o movimento do *eu* em sentido do *outro* supõe a liberdade e um despojamento das próprias seguranças, uma disposição interior, visto que ele não é uma imagem daquilo que eu imagino que seja. O relacionamento intersubjetivo, por isso, não descarta os conflitos, pois os pontos de vista das pessoas, por serem livres e singulares, são, na maioria dos casos, diferentes. Entretanto, o filósofo não envereda pelos caminhos do solipsismo. O conflito, na perspectiva do afrontamento, faz parte da construção da intersubjetividade. A questão da relação intersubjetiva é apresentada por Mounier de

maneira mais consistente na obra *Introdução aos existencialismos* (1963), onde Mounier tece uma critica ao solipsismo sartreano.

Jean Paul Sartre (1905-1980), na obra *O ser e o nada* (1997), argumenta que o sentido originário das relações do *ser-Para-outro* é o conflito, pois para que o *outro* possa autoafirmar-se, necessariamente a subjetividade do *eu* deve ser alienada. Assim sendo, o *eu* é transformando em objeto quando o *outro* se afirma como sujeito. Além disso, por ser, em sua essência, livre, o *eu* encontra no *outro* um obstáculo para a vivência plena de sua liberdade. Por essa razão, o *outro* é o inferno do *eu.* Para esclarecer esse solipsismo, Sartre se fundamenta no olhar.

> O que encaro constantemente através de minhas experiências são os sentimentos do outro, as volições do outro, o caráter do outro. É porque, com efeito, o outro não é somente aquele que vejo, mas aquele que me vê. Encaro o outro enquanto sistema conexo de experiências fora de alcance, no qual figuro como um objeto entre outros [...] O outro se apresenta, em certo sentido, como negação radical de minha experiência, já que é aquele para quem eu sou, não sujeito, mas objeto. Portanto, como sujeito de conhecimento, esforço-me para determinar como objeto o sujeito que nega meu caráter de sujeito e determina-me como objeto. (1997, p. 297-298).

O *outro* em Sartre é apresentado, portanto, como o adversário do *eu.* Nenhuma relação intersubjetiva, sujeito-sujeito, é possível, pois não há a possibilidade de autoafirmação mútua. O movimento do *ser-Para-outro* sartreano constitui-se, pois, como uma constante guerra, numa relação de dominação e alienação.

Na *Introdução aos existencialismos*, Mounier argumenta que o solipsismo sartreano é a total negação da comunicação, pois que a relação sujeito-sujeito, na perspectiva do amor enquanto saída de si no sentido do *outro*, é compreendido como uma infecção mútua. Entretanto, isso acontece, segundo Mounier, porque o *eu* de Sartre é um sujeito totalmente temeroso de ser apanhado em sua subjetividade. Nesse sentido, o *eu* se coloca sempre diante do outro numa perspectiva de combate, de enclausuramento do ser, de superproteção. Diante deste conflito, Mounier aponta como saída outra concepção do *outro*, não mais como aquele que rouba a subjetividade do *eu*, mas como aquele que o ajuda a construir-se. Mas isso só é possível a partir do momento em que o *eu* se coloca diante do *outro* numa perspectiva de disponibilidade. Nesse sentido, o personalismo apresenta-se, no afrontamento, como uma filosofia dialógica da relação sujeito-sujeito.

> Se, por um lado, o olhar que petrifica e rouba o outro é fruto de uma postura de indisponibilidade, por outro lado, [...] tudo muda completamente se me

> coloco em relação a mim próprio e ao outro numa atitude de disponibilidade. Deixo de pensar em mim próprio como ser-a-proteger. Essa mudança possibilita uma nova maneira de ver e olhar; e não estamos falando de um olhar complacente e bondoso, mas sim (e principalmente) do olhar que afronta. Se temos uma concepção diferente do outro, tal olhar me inquieta, não porque me rouba, mas porque me põe em questão; sua simples presença é capaz de me deslocar, de pôr em xeque minhas convicções, "perturba-me" porque me obriga a sair da estabilidade". (MOUNIER, 1963, p. 156-157).

Outro importante filósofo do século XX, Martim Buber (1978-1965), ofereceu também uma perspectiva diferente de Sartre na relação intersubjetiva. O pensamento buberiano se entrelaça com a filosofia de Mounier, em alguns pontos, dentre os quais, pode-se destacar que Buber e Mounier partem da concepção da intrínseca tendência da pessoa à comunicação. Em sua principal obra denominada *Eu e Tu,* Buber postula que a pessoa é essencialmente relação, e tal relação se dá em três níveis: no da natureza, no dos homens e no dos seres espirituais. Destarte, argumenta que

> O mundo da relação se realiza em três esferas. A primeira é a vida com a natureza. Nesta esfera a relação realiza-se numa penumbra como que aquém da linguagem. As criaturas movem-se diante de nós sem possibilidade de vir até nós e o *tu* que lhes endereçamos depara-se com o limiar da palavra. A segunda é a vida com os homens. Nesta esfera a relação é manifesta e explícita: podemos endereçar e receber o *tu*. A terceira é a vida com os seres espirituais. (1974, p. 30).

Buber (1974, p. 29) distingue dois modos próprios de ser da existência humana, que ele chama *palavras-principio*: a relação *eu-tu,* que só pode ser concebida na perspectiva da interação significativa e total sujeito-sujeito, e a relação *eu-isso*, própria do *eu* em contato com um objeto. Neste último caso, o *eu* tem uma atitude objetivante perante o mundo que o rodeia. É o mundo da experiência, da técnica, pois é nela que o *eu* tem a capacidade de estabelecer com o objeto uma relação cognoscitiva. A relação *eu-tu,* por sua vez, é de caráter dialógico, pois que o diálogo é o princípio para e existência autêntica do *eu* e da relação *eu-tu.* Diferente da concepção sartreana, e corroborando com o pensamento mounieriano, em Buber a relação intersubjetiva supõe a confirmação mútua entre os dois sujeitos que se dá na reciprocidade, que é a essência da relação.

Para o filósofo judeu, então, o *eu* não se torna pessoa senão na relação com o *tu.* Entretanto, essa relação só se dá através da totalidade do *eu* em relação ao *tu,* e, além disso, do estabelecimento de um universo pessoal, irredutível. Nesse sentido, para que a relação *eu-tu* aconteça, é necessário que os envolvidos no encontro permaneçam em si pela via interior.

> Para podermos sair de nós mesmos em direção ao outro é preciso, sem dúvida, partirmos do nosso próprio interior, é preciso ter estado, é preciso estar em si mesmo. O diálogo entre meros indivíduos é apenas um esboço, é somente entre pessoas que ele se realiza. Mas por que meios poderia um homem transformar-se, tão essencialmente, de individuo para pessoa, senão pelas experiências austeras e ternas do diálogo, que lhe ensinam o conteúdo ilimitado do limite? (BUBER, 2007, p. 57).

Percebe-se aqui outra convergência entre o pensamento buberiano e o mounieriano. Da mesma forma que Buber, Mounier, através *le sur soi*, afirma que a verdadeira relação deve partir da conversão íntima, onde o sujeito se possui, no sentido de voltar-se a si mesmo, ao seu *eu* mais profundo e absoluto, para dar-se, visto que é em sua vida interior que o homem destila sua riqueza. (MOUNIER, 1964, p. 60).

Tanto Mounier como Buber estão inseridos no contexto das duas grandes guerras mundiais. Diante dos fenômenos de massificação e individualismo, ambos perceberam a necessidade de restaurar o sentido autêntico das relações intersubjetivas e o valor absoluto da pessoa diante das relações. Entretanto, percebeu-se durante a pesquisa que a filosofia dialógica de Buber foi mais substancial e mais bem elaborada, do ponto de vista ontológico teórico e sistemático, que a filosofia intersubjetiva de Mounier. Isto porque, como já foi referido acima, Mounier parte do estudo do universo objetivo, assim sendo, dos principais sinais que a pessoa apresenta em relação ao mundo. Buber, porém, desenvolveu de maneira mais profunda o tema das relações, partindo da reflexão ontológica tanto da pessoa como das relações e da palavra. De qualquer forma, os dois pensamentos não são contraditórios, e o de Buber poder-se-ia ser utilizado de base teórica para corroborar o personalismo mounieriano no que tange à comunicação.

3.2 A liberdade na condição existencial da pessoa

A liberdade é outro conceito fundamental na filosofia personalista de Emanuel Mounier. Na sua perspectiva, é através da liberdade que a pessoa existe de maneira responsável no mundo. Quando a pessoa renuncia a essa liberdade, atribuindo ao que acontece ao seu redor razões deterministas, isto é, quando a pessoa não se responsabiliza frente aos acontecimentos da história, ela renuncia igualmente suas capacidades criadoras, e vive assim à semelhança de um objeto, no sentido de que se torna um joguete nas mãos de um destino incerto. A liberdade é condição *sine qua non* do engajamento da pessoa na história.

Ao abordar o tema da liberdade na obra *O personalismo,* Mounier não descarta as ações condicionantes da liberdade pessoal. O filósofo francês não considera a liberdade como sendo algo absoluto, ilimitado. Isso é explicado pelo fato de a pessoa ser um ser espiritual, mas também material. A condição de ser encarnado confere à pessoa a limitação do espaço e do tempo, da física, da cultura, da política e do próprio contexto social. Por causa desta sua condição, a pessoa não pode, portanto, fazer sempre o que quer no momento em que quer.

> [...] a liberdade do homem é a liberdade duma pessoa, desta pessoa, assim constituída e situada em si própria, no mundo e perante os valores. Isso implica que ela é, na maioria dos casos, estreitamente condicionada e limitada pela situação concreta. Ser livre é primeiramente aceitar essa condição para dela partir. (MOUNIER, 1964, p. 116).

Para demonstrar no campo das relações sociais essa afirmação de Mounier, pode-se recorrer à teoria dos *fatos sociais* do sociólogo francês Emile Durkheim (1858-1917). Durkheim, ao elaborar sua teoria científica sobre os *fatos sociais* afirma que a sociedade, enquanto estrutura, exerce um poder coercitivo sobre o indivíduo. Na *Regras do método sociológico,* o sociólogo explica que os *fatos sociais* consistem em modos de ação, pensamento e sentimento que são externos ao indivíduo, que são investidos com um poder de coerção capaz de exercer um controle sobre ele. (DURKHEIM, 2007, p. 5). Os *fatos sociais* podem ser incorporados no indivíduo através da educação, da tradição cultural e religiosa, pela mídia etc. Assim sendo, segundo esse pensamento, a sociedade é mais que o resultado da ação e interesse de seus membros individuais, do mesmo modo que as vontades e concepções individuais são resultados também de condicionamentos sociais.

Na concepção mounieriana, no entanto, a liberdade concreta, entendida no contexto natural e social da existência humana, não é condição *sine qua non* a pessoa possa exercer sua liberdade espiritual. A liberdade espiritual da pessoa manifesta sua grandeza, ao permitir que esta transcenda às situações de fato. (MOUNIER, 1964, p. 116). Essa capacidade espiritual proporciona ao *eu* um meio para não alienar-se em meio às suas relações com o *outro*, além de conferir-lhe a possibilidade de transcender as situações que se apresentam diante de si. No livro *Em busca de sentido,* a título de exemplo, o logoterapeuta vienense Viktor Frankl (1905-1997) narra os momentos de tensão e sofrimento profundo que passou diante da opressão do sistema nazista e como conseguiu encontrar um sentido para sua vida frente às situações dadas. Ao referir-se à liberdade interior, Frankl (2008, p. 88) argumenta que

> A experiência da vida no campo de concentração mostrou-me que a pessoa pode muito bem agir "fora do esquema". Haveria suficientes exemplos, muitos deles heróicos, que demonstraram ser possível superar a apatia e reprimir a irritação; e continua existindo, portanto, um resquício de liberdade do espírito humano, de atitude livre do eu frente ao meio ambiente, mesmo nessa situação de coação aparentemente absoluta, tanto exterior como interior [...] (portanto,) no campo de concentração se pode privar a pessoa de tudo, menos da liberdade última de assumir uma atitude alternativa frente às condições dadas.

Dessa forma, os determinismos que a natureza ou que a sociedade impõe à pessoa não precisam ser necessariamente fatores de despersonalização, mas, ao contrário, podem ser meios de libertação do ser.

Na concepção mounieriana, a liberdade não se identifica com a essência da pessoa, isto é, ela não é manifestação espontânea. Na obra *O personalismo* Mounier critica a liberdade absoluta de Sartre, pois argumenta que esta é um mito. Referindo-se ao seu compatriota, Mounier postula que

> Uma vez que a liberdade é afirmação absoluta, nada a poderá limitar, é total e sem limites (Sartre), simplesmente porque é. Não exprime qualquer natureza anterior a ela, não corresponde a nenhum chamamento: porque se tal acontecesse, deixaria de ser liberdade. A si própria se faz e faz-me fazendo-se, nela e por ela me invento, invento meus motivos, meus valores e o mundo comigo, sem apoio nem auxílio. Esta liberdade absoluta é um mito [...] não sou somente o que faço, o mundo não é somente o que quero. (1964, p. 113).

Para Sartre a liberdade se identifica com o ser da pessoa, no sentido de que a pessoa é, diante do mundo, inteiramente e absolutamente livre. A liberdade só encontra barreira, como foi explanado acima, diante da presença do *outro*. Entretanto, como adverte Cox (2007, p. 103), filósofo britânico e importante comentador de Sartre na atualidade, essa liberdade absoluta da pessoa diante do ser objetivo (*en soi*) não é equiparada à habilidade da pessoa, mas é ilimitada porque uma pessoa precisa sempre escolher a si mesma em resposta à facticidade da sua situação. Assim sendo, fica claro que Sartre não falava de uma liberdade absoluta e sem limites no sentido literal dos termos, como apontava Mounier, mas apenas de uma autonomia de escolha diante das situações dadas. Por essa razão, Sartre afirmava que, não importa tanto o que fizeram com a pessoa no passado, mas sim o que ela faz no presente, a partir da autonomia de sua escolha, com aquilo que fizeram com ela no passado. (SARTRE, 1997, p. 613). Trocando a miúdos, a pessoa é o que faz de si.

Em Mounier, como não é o ser da pessoa, a liberdade é oferecida à pessoa como um dom, que pode ser acolhido ou rejeitado. (MOUNIER, 1964, p. 114). A liberdade, nesse viés, precisa ser conquistada, e isto supõe obstáculos, opções, sacrifícios pessoais e engajamento. Ela constitui-se como fator fundamental da pessoa humana na luta contra as alienações. Essa batalha é constante, pois destruída uma alienação, outra nova surge, descoberta e vencida uma limitação, outra se apresenta. A inexistência da liberdade, na perspectiva personalista, se configuraria na despersonalização da pessoa, o que implicaria de igual modo, a alienação do seu ser e, por consequência, do ser do *outro* face aos acontecimentos da história. Na liberdade o valor absoluto da pessoa é, pois, manifestado.

3.3 A noção de dignidade e a consciência valorativa da pessoa

A filosofia personalista mounieriana postula que a pessoa é em si inviolável em sua dignidade, na perspectiva que jamais ela pode ser um instrumento de interesses (políticos, sociais etc.), isto porque cada pessoa humana carrega em si, intrinsecamente ligada à sua condição, uma dignidade pessoal, que, sob qualquer modo, deve ser respeitada.

A noção de dignidade da pessoa humana é especial contribuição da antropologia teológica cristã para o pensamento e vida espiritual do Ocidente. De acordo com Moix (1968, p. 175), para o cristianismo, a dignidade humana advém do segredo da alma, do qual nenhuma outra pessoa pode ter acesso, senão Deus.

> No mais íntimo da pessoa, do pecador como do justo, do incrédulo, como do santo, há um segredo do coração do qual só Deus tem acesso. Eis porque o Evangelho nos diz que não julguemos. O próprio Deus respeita este mistério da pessoa. A eminente dignidade da pessoa é a dignidade deste segredo da alma, que não mais somente a imagem e a semelhança de Deus, mas a vida íntima da Trindade vem ocupar quando respondemos às suas antecipações.

Como a proposta de Mounier era o diálogo não somente com os cristãos, mas também com os não-crentes, procurou refletir sobre a questão da dignidade não somente partindo de pressupostos teológicos. Para Mounier, como foi explanado acima, a pessoa humana não se restringe a aspectos materiais. Nesse sentido, a pessoa vai além daquilo que é manifestado pela sua presença no mundo. A capacidade de raciocinar, de aderir livremente a valores pelos quais devota toda sua vida, de refletir, de amar, de relacionar-se tanto com *outro* como também com Deus, de tomar decisões, de existir de maneira singular e de comprometer-se com a vida, tanto a sua como a dos outros, manifesta algo na pessoa que ultrapassa os limites

puramente naturais da vida. Logo, o personalismo carrega em si a ideia de que a pessoa é um valor absoluto em si e que, por esta razão, não pode ser utilizada como objeto seja por outra pessoa ou por algum sistema social. (MOUNIER, 1964 p. 18).

Além disso, Mounier concebe a pessoa como valor absoluto por conta da sua singularidade enquanto pessoa humana. De acordo com seu pensamento, uma pessoa pode ser substituída por outra enquanto desempenhadora de determinada função. Mas enquanto pessoa humana, jamais o poderá. Dessa forma, argumenta:

> [...], mas para definir uma posição personalista basta pensar que toda a pessoa tem uma significação tal, que o lugar que ocupa no universo das pessoas não pode ser preenchido por outra qualquer. Esta é a magistral grandeza da pessoa, que lhe confere a dignidade dum universo. (1964, p. 92).

Ao postular que a pessoa humana é singular, que existe de modo tal que não pode ser substituída por outra, é possível relacionar a concepção de singularidade de Mounier com a incomunicabilidade da pessoa humana em Santo Tomás de Aquino. Essa incomunicabilidade não é a impossibilidade de estabelecer relações intersubjetivas. Ela não coaduna com o solipsismo sartreano, ou com a mônada solipsista. (JÚNIOR, 2016, p.136). Como em Mounier, a incomunicabilidade da pessoa no angélico é incomunicabilidade enquanto incomunicabilidade do ser, isto é, enquanto singularidade. Assim, em sua tese de doutorado sobre *Justiça política e dignidade humana*, Júnior (2016, p. 136) argumenta que, para Aquino,

> A dignidade, a irredutibilidade e o valor absoluto da pessoa humana se fundamenta no ato de ser *per sé* da pessoa e do seu agir por si mesmo (*perseidade*). Esta é uma propriedade substancial que caracteriza a pessoa humana na sua incomunicabilidade [...] Com a incomunicabilidade da pessoa, o angélico critica três formas de reducionismo: o reducionismo naturalista, reducionismo sociologista e o reducionismo psicologista. Em relação ao reducionismo naturalista fisicista, Tomás parte do indivíduo enquanto pessoa no seu todo completo e que não pode entrar em relação fazendo da pessoa uma coisa. Por lado, cada pessoa enquanto indivíduo e constituído de corpo e *anima* intelectiva é a parte do universo físico e com este compartilha problemas e destino, e por ser natureza racional domina os seus próprios atos, e por isso tem diante de si a inteligência e a liberdade.

Partindo desse princípio, tanto em Mounier como em Tomás, não se pode encarar a dignidade da pessoa humana como algo socialmente convencionado, mas como estatuto ontológico da pessoa e, por essa razão, em si, inalienável. Ainda segundo Júnior (2016, p. 251),

> O fundamento da dignidade humana [...] está na singularidade da pessoa. Cada pessoa humana, por ser único e irrepetível, avoca tanto a sua natureza enquanto ser como a sua dignidade enquanto receptáculo de vida e *anima* distinta, diferenciada e específica.

De acordo com esse pensamento, não importa, portanto, qual grau de riqueza ou de degradação haja em uma pessoa: a pessoa humana, mesmo diferente, mesmo degradada, é sempre uma pessoa, a qual se deve permitir que viva como pessoa (MOUNIER, 1964, p. 78), pois sua dignidade não está em seu estado físico ou social, mas é intrínseco já à sua condição de ser humano.

Ao tratar sobre a eminente dignidade da pessoa humana, Mounier também argumenta que, na perspectiva personalista, o movimento que forma a pessoa também se não fecha sobre ela, mas indica uma transcendência que habita entre os seres. Por conseguinte, para ele a pessoa não é o ser, mas o movimento do ser para o ser, e só é consciente no ser que visa. Este devir é essencial na constituição da pessoa, o que a caracteriza em sua singularidade, tornando-a não inventariável. O permanente movimento da pessoa do ser para o ser não pode ser visto apenas como movimento de projeção, mas de elevação ao transpessoal manifestado pela experiência dos valores, que são experiência ativa na existência pessoal.

> Os valores não são, assim, ideias gerais ou desenraizadas – são fonte inesgotável e viva de determinações, exuberância, apelo irradiante: como tal revelam uma como que singularidade expansiva e uma proximidade com o ser pessoal, mais primitiva do que seu deslizar para a generalidade. (MOUNIER, 1964, p. 130).

Os valores, por isso, não são simplesmente ideias puramente abstratas, mas realidades vivas que conferem sentido e qualidade no agir da pessoa. Além disso, são realidades vivas porque, para Mounier (1964, p.131), o seu lugar de habitação é o coração das pessoas, e as pessoas não existiriam de maneira plena se não fossem os valores, mas estes só existem por causa do *fiat veritas tua* pronunciado pelas pessoas.

Ao tratar dos valores como realidades vivas, é notória a grande influência que Mounier recebe de Max Scheler (1874-1928), para o qual, segundo Reale e Antiseri (2007, p. 568), os valores não são simplesmente qualidades subjetivas, mas essências que conferem qualidade às ações e às coisas e são percebidos, por sua vez, pelos sentidos. Os valores são os fundamentos da conduta ética, e são classificados em: valores sensoriais, valores da civilização, valores vitais, valores culturais ou espirituais (que são divididos em estéticos, ético-jurídicos e

especulativos) e valores religiosos. Entretanto, Mounier não permanece fiel à concepção de Scheler, visto que era necessário não submeter a pessoa a um abstrato impessoal.

Mounier, então, trabalhando o vínculo entre pessoa e cristianismo, admite que, no personalismo cristão, esses valores são resultados do chamado de Deus em relação à pessoa. Segundo Moix (1968, p. 174), a transcendência do ser pessoal é uma oferta de Deus numa participação da vida divina, e é isto que faz a eminente dignidade da pessoa humana. O respeito pela pessoa humana não é, pois, em primeiro lugar um respeito pela vida. Para a filosofia personalista, esse respeito vai além.

> O respeito pela vida pode não ultrapassar um instintivo gosto por viver [...] Não existimos definitivamente senão no momento em que constituímos um círculo interior de valores ou de dedicações, acerca dos quais sabemos que mesmo a ameaça da morte nada conseguiria contra eles. (MOUNIER, 1964, p. 134).

São os valores, pois, que conferem sentido à vida da pessoa humana, e ela carrega em si a inclinação natural para ultrapassar-se e ultrapassar a natureza, o dado. Não se pode, no entanto, confundir este ultrapassar-se com o ímpeto vital da pessoa. Para Mounier o ímpeto vital é apenas o amor a vida a qualquer preço, isto é, a vida pela vida, a preço até mesmo dos valores mais profundos que cada pessoa humana carrega em si. O ato supremo da pessoa não se fundamenta na paixão da vida a qualquer preço, a pessoa é muito mais que sua vida. A verdadeira e plena vida humana não se restringe, por isso, aos aspectos fisiológicos, pois a pessoa humana é muito mais que matéria.

Em última análise, no personalismo mounieriano, a pessoa existe de maneira plena quando administra sua vida pautando-se nos valores, mesmo que, para não traí-los, tenha que dar a própria vida. Um exemplo desse despojamento pode ser buscado em Sócrates e nos mártires dos primeiros séculos do cristianismo. Estes estavam tão convictos em suas crenças que nem mesmo o sofrimento ou a morte os fizeram retroceder naquilo que acreditavam. Pelo contrário, os valores cujos quais aderiram – a verdade, a fé, a religião etc. – conferiram a eles confiança diante dos tormentos que os afligiam e que, por fim, tiraram suas vidas.

4 O COMPROMISSO COM A DIGNIDADE HUMANA

Depois desta breve explanação da crise européia do século XX, da análise da compreensão da pessoa humana e do seu valor absoluto na filosofia de Mounier, cumpre agora explanar o pensamento revolucionário de Mounier aplicado na prática para a construção de uma nova ordem social a favor da pessoa. Para Mounier, um personalismo que se restrinja exclusivamente à especulação filosófica, trairia o seu próprio nome. (MOUNIER, 1964, p. 172). É necessária a especulação, mas é necessária a ação. Especulação e ação manifestam as dimensões da pessoa humana: o espírito e o corpo. Seja na especulação, seja na ação, é o ser humano em sua totalidade que atua. O compromisso com a dignidade humana na perspectiva proposta neste trabalho trespassa necessariamente o engajamento político, a formação de uma comunidade de pessoas e o papel do Estado para com a dignidade, bem como pela promoção de uma revolução material e espiritual.

Antes, porém, de abordar estes aspectos, parece pertinente trazer à tona as regras de estratégia que Mounier aponta para o personalismo enquanto filosofia da ação. Segundo ele (1964, p. 178), em primeiro lugar, o personalismo deveria permanecer, ao menos de início, sob neutralidade partidária e sindicalista. Depois, o personalismo não deve pretender reflexão sem, que sejam acompanhadas por isso, indicações práticas de ação. Por conseguinte, deve-se manter a solidariedade entre o material e o espiritual, assim toda problemática será abrangida desde os elementos ordinários até os mais nobres. Em quarto lugar, o filósofo personalista não deve ser preso a esquemas *a priori*, isto é, não deve ser dogmático, mas flexível até mesmo para mudar de opinião, quando for necessário para permanecer fiel à realidade e ao seu espírito. Por último, Mounier adverte que, dado que a crise não tem *per si* uma solução automática, a revolução é necessária para reorganizar as estruturas sociais, promover uma profunda revisão dos valores e, por fim, *a fortiori*, renovar o cenário social e político tendo em vista a dignidade humana.

4.1 O engajamento político como voz profética da pessoa na história

Do ponto de vista da filosofia personalista mounieriana, o engajamento político da pessoa humana é uma ação necessária porque é consequência direta da sua condição de existência encarnada, atuante em um determinado contexto social, político e histórico. No sentido do engajamento, Mounier recebeu grande influência do filósofo judeu Landsberg

(1901-1944), o qual propôs uma aprofundada reflexão a respeito do engajamento como historicidade constitutiva da pessoa humana e da problemática inerente a seu modo de agir no mundo. Assim, a partir da filosofia de Landsberg, Mounier, de acordo com COQ (2012, p. 146), salientava a passagem de um "período doutrinário", impregnado de certo puritanismo da ação, para um "período do engajamento", assumido na coragem da decisão em uma situação histórica datada.

De início, deve-se entender o engajamento como ação. No personalismo, a ação não é acidental, mas essencial, pois é a própria condição estrutural e essencialmente dinâmica da pessoa que a exige. (SEVERINO, 1974, p. 106). Por outro lado, o engajamento, do ponto de vista personalista, não é simplesmente agir por agir, mas, antes, é uma ação que supõe a reflexão, pois sem esta, a ação se transformaria em alienação. A ação deve ser pautada nos valores, pois são estes que conferem sentido à ação. Os pólos ação e reflexão constituem então, segundo Mounier, a pessoa como voz profética na história.

> O contemplativo, embora guardando como principal preocupação a exploração e a integral experiência de valores, pode ter também diretamente em vista modificações de caráter prático. Diremos então que a sua ação é de tipo profético. A ação profética assegura a ligação entre o contemplativo e o prático, como a ação política entre o ético e o econômico. (MOUNIER, 1964, p. 160).

Por não ser ação pela ação, Mounier desenvolve, no engajamento, uma teoria da ação. Segundo essa teoria, a ação deve levar a consequências, não somente externas, mas também internas ao sujeito que a realiza. O filósofo francês, então, distingue quatro dimensões que a ação deve conter para que responda com eficácia as exigências do ser: "Que exigiremos, pois da ação? Que modifique a realidade exterior, que nos forme, que nos aproxime dos homens, que enriqueça nosso universo de valores." (MOUNIER 1964, p.155). Sendo assim, no que se refere ao fazer (*poein*), o principal objetivo da ação é dominar e organizar uma matéria exterior. É o domínio das ciências e da indústria. No âmbito do agir (*prasein*), a ação tem por principal objetivo a formação daquele que a executa, isto é, suas capacidades e suas virtudes. Na perspectiva do enriquecimento do universo de valores, a ação é contemplativa, mas não se perdendo em estéreis abstrações, visto que envolve o homem inteiro. Por fim, toda ação tem uma dimensão coletiva, visto que a pessoa é, primitivamente, abertura aos outros.

Partindo disso, a filosofia do engajamento é uma contrarresposta uma filosofia puramente abstrata, presa aos fatalismos e ao determinismo, que faz com que a pessoa fique acomodada frente aos acontecimentos do tempo. Por essa razão, se a ação e a reflexão

constituem-se como indissociáveis no sentido do engajamento, a liberdade também é sua condição *sine qua non*, dado que exige do indivíduo a responsabilidade de seus atos e também a responsabilidade pelo *outro*, pois o reconhecimento da própria dignidade deve levar também a pessoa a comprometer-se com a dignidade do *outro*. Ao tratar desta questão, dentro da perspectiva da justiça política, Júnior (2016, p. 251) argumenta que

> Se todos possuem a mesma dignidade, a igualdade fundamental entre os membros da comunidade não é proporcional, mas absoluta. E esta dignidade eminente de todos os seus membros implica a cada membro da comunidade considerar o outro como sujeito ou pessoa, isto é, como um ser que possui uma dignidade que é fim em si mesmo.

Estes três elementos – ação, reflexão e liberdade (que gera o compromisso) – constituintes do engajamento na perspectiva de Mounier podem ser observados dentro de uma perspectiva atual. O papa João XXIII, na carta encíclica *Mater et Magistra,* propôs o método *ver-julgar-agir* para a vivência e ação da Igreja Católica no meio social. No primeiro momento do método, a preocupação é observar o problema em si, indagando-se das causas e dos processos que conduziram determinada situação ao estado em que se encontra. No segundo momento, há o julgamento do problema à luz das Sagradas Escrituras e de seus documentos. No terceiro momento, são indicadas linhas práticas de ação para a superação daquele problema. Este método baseia-se na necessidade da atuação da Igreja na História, nos acontecimentos políticos e sociais. Assim, segundo o documento (2004, p. 74)

> Convém hoje, mais que nunca, convidar com frequência os jovens a refletir sobre estes três momentos e a realizá-los praticamente, na medida do possível. Deste modo, os conhecimentos adquiridos e assimilados não ficarão, neles, em estado de idéias abstratas, mas torná-los-ão capazes de traduzir na prática os princípios e as diretrizes sociais.

O método *ver-julgar-agir,* foi e ainda é utilizado como base para a elaboração de muitos documentos de cunho social da Igreja e, recentemente, com a publicação do *Instrumentum Laboris*, a Igreja voltou sua atenção à realidade da Amazônia. O documento citado é um estudo baseado na escuta dos povos amazônicos, os quais a Igreja considera como sujeitos e interlocutores privilegiados. (2019, p. 10). Os pontos descritos no documento versam, de maneira geral, sobre questões pastorais e ambientais. No primeiro momento, há o estudo das razões que levaram e que levam a Amazônia a ser um espaço tão disputado por empresas extrativistas que degradam não somente o solo, os rios ou as árvores, mas também a

vida humana, dado que esta depende do bem estar da natureza, que é seu lugar de realização[3]. A ecologia, então, é parte necessária da vida humana. A este vínculo, o documento (2019, p. 43) denomina *ecologia integral.*

> A ecologia integral se baseia no reconhecimento da relacionalidade como categoria humana fundamental. Isso significa que nos desenvolvemos como seres humanos, com base nos nossos relacionamentos conosco mesmos, com os outros, com a sociedade em geral, com a natureza/meio ambiente e com Deus [...] Nós, seres humanos, fazemos parte dos ecossistemas que facilitam as relações doadoras de vida a nosso planeta, e, portanto, o cuidado de tais ecossistemas é essencial. É fundamental tanto para promover a dignidade da pessoa humana e o bem comum da sociedade, como para o cuidado ambiental.

Após o *ver,* a diretriz, no processo de reflexão, julga a realidade amazônica tendo como base os princípios cristãos e da dignidade da pessoa humana, buscados, sobretudo, nas Sagradas Escrituras e nos documentos eclesiais, de maneira especial, a Doutrina Social da Igreja. Por último, a Igreja oferece linhas de ações concretas que podem ser feitas para a superação do problema. Dentre essas linhas de ações concretas, houve a realização do Sínodo para a Amazônia, ocorrido no mês de outubro do presente ano, que reuniu autoridades eclesiásticas, representações políticas e, principalmente, a representação dos povos amazônicos, de maneira especial, dos indígenas. Esse dinamismo de relação, de escuta e ação entre as mais diversas representações sociais manifestam aquilo que a Igreja chama de *sinodalidade.*

No engajamento mounieriano, portanto, a pessoa humana é responsável e, por isso, não deve eximir-se do compromisso que, necessariamente, tem na história. Sua participação é importante nas decisões sociais e na luta pela mudança e pela defesa da sua dignidade e da do *outro.* Nesse panorama, ao eximir-se do compromisso, a pessoa também vive como alienada, visto que, embora acredite que não possua esse encargo, é sua própria condição de ser encarnado num meio ambiental, social e político que o exige (o compromisso). A ação é constituinte da pessoa humana. O personalismo de Mounier é, portanto, uma filosofia atual enquanto que promove o surgimento de um cidadão ativo.

---

[3] Sobre essa questão, em *O personalismo* Mounier argumenta que a relação da pessoa humana com a natureza não se dá, simplesmente, no nível exterior, e que a natureza é o espaço de realização da pessoa humana. Por isso, há uma ligação profunda entre a pessoa e a natureza, uma verdadeira relação dialética de troca e ascensão. (cf. MOUNIER, 1964, p. 54).

4.2 A formação de uma comunidade personalista

A comunidade personalista é outro aspecto que Mounier destaca como imprescindível para a construção de uma nova ordem social a favor da pessoa. A formação desta comunidade parte da sua própria concepção de pessoa como ser relacional, essencialmente comunitário, dado que o sujeito não se nutre autonomamente, que só se possui aquilo que se dá ou aquilo a que se dá, que a pessoa não se salva sozinha, nem social, nem espiritualmente. (MOUNIER, 1964, p. 65). Destarte, no personalismo, a comunidade não é algo acidental, mas necessário, pois a pessoa só se realiza no *nós* comunitário.

Como filósofo engajado, Mounier critica os diversos tipos de sociedades despersonalizadas comuns no contexto europeu. Na obra *O personalismo* (1964, p. 73), descreve uma hierarquia de coletividades segundo a sua forma e grau de personalização. No nível mais baixo, encontram-se as sociedades massificadas. Esse fenômeno foi responsável pelo deperecimento do ser pessoal e comunitário de muitas pessoas ao longo do século XX, sobretudo através de sistemas políticos. As sociedades massificadas desconhecem a singularidade de cada pessoa humana, ao tempo que esta deixa de ser concebida como tal para se transformar em objeto, em massa de manobra. Neste tipo de sociedade, os sujeitos renunciam ao seu estado de sujeitos, adormecem e se acomodam. Consequentemente, não há razão para reconhecer e defender a dignidade de cada pessoa humana, pois a comunidade se confunde com o número, com a massa anônima, denotando assim um desconhecimento total da dignidade singular da pessoa, de sua iniciativa criadora. (LORENZON, 1996, p. 11).

Outro grande crítico das sociedades massificadas foi Buber. Segundo Abreu, em sua tese de doutorado denominada *A contribuição de Emmanuel Mounier para uma reflexão ético-cristã-personalista da pessoa na contemporaneidade* (2008, p. 100), o filósofo judeu compreendia a massificação como nociva à plena realização pessoal porque alienava a pessoa em sua liberdade. Destituída a liberdade, a pessoa não pensava por e para si, mas apenas por e para o sistema. Além disso, a pessoa tornara-se irresponsável, no sentido que os seus atos não eram, na verdade, seus, mas resultados de um mecanicismo ideológico. Com isso, a pessoa perdeu o vínculo relacional com a comunidade, e o diálogo, tão necessário para a construção da subjetividade, tornou-se mecânico e superficial. Tanto para Mounier como para Buber, era necessário restaurar o valor da comunidade, pois é o espaço por excelência de desenvolvimento pessoal.

> Compreendi, então, que sentido tem para um indivíduo, ser separado, por força de uma catástrofe, de um todo social, de uma sociedade com evidente valor para nós, de um Estado, de uma nação, ou vale dizer, que sentido tem para uma multidão de indivíduos decompor-se em elementos constitutivos após uma catástrofe. E agora no caso do indivíduo em particular. Do estado de vínculo de evidente legalidade passa para a sua liberdade e isolamento individuais, experimentado grande angústia; procura agora o caminho, alguma via para o vinculo, para a comunidade, para o "não-abandonar-se-mais". Esta é, de certo modo, a história espiritual do homem da época do pós-guerra. A história de um homem que foi excluído de um contexto social que lhe era familiar, evidente. (BUBER, 1987, p. 104).

Um pouco acima desta sociedade, encontram-se as sociedades vitais, que se caracterizam por serem unidas apenas pelas funções de cada indivíduo. Esse tipo de sociedade ainda é insuficientemente personalizada e ainda não reconhece a dignidade de cada pessoa. Nela, surgem castas que tendem para a hipnose, para a arrogância e a guerra. A hierarquia interna das funções, embora dominando absolutamente, endurece nas relações entre escravo e senhor. Assim sendo, essas sociedades tendem para a formação de um *todo* que corrompe o *nós*. (MOUNIER, 1964, p. 74).

No projeto iluminista surgiram as sociedades racionais como proposta para escapar às paixões das sociedades irracionais. Nesse tipo de sociedade, a razão ocupa um lugar de destaque. Embora Mounier não fosse irracionalista, visto que acreditava que a ciência e a razão objetiva são suportes indispensáveis da intersubjetividade, do mesmo modo que o direito é uma mediação necessária porque refreia o egoísmo biológico, garantindo a existência e a segurança de cada pessoa, o filósofo crítica o projeto do iluminismo por estabelecer a universalidade, esquecendo-se da pessoa.

> A experiência devia mostrar que o saber não transforma os corações, que o direito formal pode acobertar ordens rebeldes, que a organização e a ideologia, quando desprezam o absoluto pessoal, transformam-se como a paixão em polícia, crueldade e guerra. Em suma, não se pode estabelecer a universalidade sobre o esquecimento da pessoa. (MOUNIER, 1964, p. 75).

A comunidade personalista, o mais alto grau de uma comunidade de pessoas na perspectiva do filósofo, não seria um aglomerado de indivíduos, mas de pessoas que se reconhecem como tal e que, por isso, realizam entre si relações personalizadas. Por essa razão, o filósofo descreve os atos originários desta comunidade:

> 1. *Sair fora de nós próprios*. A pessoa é uma existência capaz de se libertar de si própria, de se desapossar, de se descentrar para se tornar disponível aos outros. Para a tradição personalista, só liberta o mundo e os homens aquele

> que primeiramente se libertou de si próprio [...] 2. *Compreender*. Deixar de me colocar sempre no meu ponto de vista, para me situar no ponto de vista dos outros [...] 3. *Tomar sobre nós, assumir* o destino, os desgostos, as alegrias, as tarefas dos outros, sofrer na nossa própria carne. 4. *Dar*. A força viva do ímpeto pessoal não está na reivindicação, nem na luta de morte, mas na generosidade. 5. *Ser fiel*. As dedicações pessoais, amor, amizade só podem ser perfeitas na continuidade. Essa continuidade não é uma repetição uniforme, mas um contínuo renovamento. (MOUNIER, 1964, p.65-67).

A comunidade personalista parte do pressuposto de que cada pessoa é singular, e que, por isso, é insubstituível. Portanto, está fundamentada no respeito à dignidade da pessoa humana, pois só existe na medida em que a pessoa reconhece sua dignidade e, por consequência reconhece igualmente a dignidade do outro. Em razão disso, a dignidade da pessoa humana seria salvaguardada da ação de sistemas e de ideologias, porque ao relegar este estatuto ontológico do ser humano, perde-se a referência do homem real, da sua integralidade, da sua dignidade. Além disso, existiria um laço intrínseco que uniria todos os indivíduos nesta comunidade: o amor, não entendido na perspectiva do sentimento simplesmente, mas no sentido de doação de si, de superação da clausura pessoal em virtude do *outro*. Segundo Moix (1968, p. 152),

> Numa perfeita comunidade pessoal, cada pessoa se realizaria plenamente na totalidade de uma vocação continuamente fecunda, e a comunhão do conjunto seria uma resultante de cada uma destas vitórias singulares [...] o lugar de cada um seria insubstituível e essencialmente desejado pela ordem do todo. Só o amor seria o seu laço, e nunca uma coação, nenhum interesse vital ou econômico, nenhuma instituição extrínseca. Nela, cada pessoa sendo promovida aos valores superiores que a realizam, acharia nestes valores superiores, objetivos e comuns, a linguagem capaz de uni-la a todas as outras.

A comunidade personalista apresenta-se, então, na perspectiva de Mounier, como paradigma para todas as sociedades. Entretanto, pergunta-se sobre a possibilidade da efetivação desta comunidade no tempo presente. A resposta pode ser intuída pela conjugação dos verbos (da citação anterior) no futuro do pretérito. Com efeito, Mounier não considera essa comunidade possível, em sua plenitude, no tempo presente. É, na verdade, uma utopia, pois só pode ser realizada, no tempo presente, através da relação entre poucos indivíduos, como família, amigos, grupo de fieis etc. Isso se dá, sobretudo, pela imperfeição própria presente na condição do ser humano que se manifesta na alienação (imposta e voluntária), nas relações de interesses e funcionalidades e outras coisas mais. Dessa forma, postula Mounier que

> [...] por vezes, num amor, com uma família, alguns amigos, roçamos de leve esta comunidade pessoal. Um país pode-se aproximar dela nos mais belos momentos da história. Mas estas comunidades, no nosso mundo encarnado, estão encravadas na carne dos indivíduos que as compõem, na própria carne, na própria inércia das instituições que as exteriorizam. (MOUNIER apud MOIX, 1968, p. 152).

Contudo, por apresentar uma comunidade utópica, o pensamento de Mounier não deixa de ter sua importância. Sua finalidade não foi oferecer uma resposta pronta e acabada, perfeitamente realizável e imediatista, mas postular a necessidade da constante pela personalização das relações sociais. (MOIX, 1968, p. 152). No seu pensamento, a comunidade só é possível no momento em que as pessoas se relacionam entre si enquanto pessoas e não como sujeitos-objetos. Na mesma perspectiva de sua compreensão de pessoa, como ser que constrói a si mesmo, o *outro* e a sociedade, essa comunidade é uma meta a ser perseguida, no que diz respeito à constante busca de perfeição das relações numa perspectiva personalista, embora seja inalcançável no tempo presente.

4.3 O papel do Estado e a revolução econômica e espiritual

Por fim, em nome do realismo integral, isto é, da compreensão da pessoa como corpo e espírito, Mounier contrapôs as idéias dos neomarxistas e dos espiritualistas, que separavam o homem do trabalho, do homem da reflexão. O personalismo, pois, admite e defende que a construção de uma nova ordem social só haverá se for levada em conta a pessoa na sua integralidade: a pessoa como um ser digno e que reflete e aspira a valores mais elevados, mas que também é histórica e temporal. Esses são os pressupostos de uma revolução personalista na concepção mounieriana.

No que se refere à revolução em seu aspecto econômico, Mounier adverte que, por mais importante que seja, é subordinado ao espiritual. (MOUNIER, 1964, p. 180). Eis, pois, a razão que, segundo Mounier, pode desencadear o fracasso na revolução: quando a finalidade é apenas o econômico. O risco de fundo, então, de uma revolução exclusivamente econômica é o desprezo, ou até a negação, das realidades mais profundas do ser humano.

Importa, pois, haver mudanças significativas nas estruturas políticas e sociais, e uma delas é a mudança de perspectiva no que diz respeito à relação Estado-pessoa. Em uma política de fundamentação personalista, é inconcebível encarar o Estado como soberano em relação à pessoa, visto que ele só existe enquanto instituição (criada e não natural) para garantir os direitos desta. Por outro lado, a subordinação da pessoa ao Estado só é legitima

enquanto se conserva a sua soberania de sujeito, a sua dignidade humana, reduzindo ao máximo a inevitável alienação que lhe impõe o fato de ser subordinada. (MOUNIER, 1964, p. 195). Assim, o Estado não está acima da pessoa (como na política totalitária), mas pelo contrário, ele só existe em função da pessoa. Ele postula que

> O Estado não é uma comunidade espiritual, uma pessoa coletiva no sentido próprio do termo, não está acima da pátria nem da nação, nem muito menos das pessoas. É um instrumento ao serviço das sociedades, e através delas, contra elas se for preciso, ao serviço das pessoas. (MOUNIER apud COQ, 2012, p. 89).

Não se pode, no entanto, compreender com isso que Mounier era contra a atuação do Estado. Segundo Rocha, em sua dissertação de mestrado intitulada *As noções de pessoa e vida pessoal em Emmanuel Mounier* (2011, p. 117), na concepção personalista do filósofo francês, o Estado é necessário pela própria condição das pessoas, como seres livres, responsáveis e singulares, o que pressupõe que na comunidade humana, os conflitos são inevitáveis. O papel do Estado, nesse sentido, deveria ser o de promover a paz e a harmonia, pela superação dos conflitos, e garantir o direito não só de uma minoria, mas de todos, visto que, sua função não consiste em criar os direitos das pessoas, mas garanti-los, reconhecê-los e promovê-los. A superação dos conflitos, na perspectiva do personalismo, no entanto, não passa pela guerra ou pela incitação da violência, mas do amor, que é o laço que deveria unir a comunidade. Além disso, cumpre ao Estado garantir aquilo que é básico para a manutenção orgânica da pessoa, pois, antes de emitir grandes discursos, "[...] pão, trabalho e dignidade para quem não os tem." (MOUNIER apud MOIX, 1968, p. 91).

A concepção otimista do papel do Estado em Mounier, no entanto, encontra dificuldades de realização na prática. No contexto atual brasileiro, por exemplo, diversas manifestações, tanto de ideologias de direita quanto de esquerda, apontam, em última análise, para a insatisfação política da população que, de certa forma, a encara não mais como algo propício à realização dos cidadãos e cidadãs, mas como um jogo de interesses acerca dos quais é necessário não se envolver. O caso da *Lava-Jato,* a título de exemplo, alcançou o patamar de maior investigação de corrupção que o Brasil já presenciou, seja pelo desvio de bilhões de reais dos cofres públicos, seja pela prisão de grandes nomes do cenário político brasileiro. A concepção popular brasileira da política como algo negativo, consequentemente, é causada pela emergência desse e de outros tantos grandes escândalos, que demonstraram que muitos dos representantes legais da população não governavam tendo como *telos* o bem comum do povo, mas benefícios para si próprios.

A obrigação do Estado (e aqui entendido como Estado enquanto Governo) para com a pessoa, numa perspectiva de Estado democrático de direito, como no caso do Brasil, independe (ou pelo menos deveria independer) da ideologia partidária cujo Governo adere, pois o governante não deve governar para si, nem tampouco para uma ideologia minoritária, mas deve visar em última análise à dignidade humana. Numa perspectiva de bem comum, Júnior (2016, p. 266) aponta que

> O justo bem comum atende às necessidades essenciais da pessoa e de todas as pessoas em todas as fases da vida, em todos os contextos sejam eles político, social, econômico, cultural e outros. O bem comum não pode ser usado como justificativa de defesa de direitos individuais que na realidade são expressão de favoritismo de uns diante da situação de exclusão ou inacessibilidade de outros. O bem comum permite a todos os cidadãos e a cada um a dignidade e o desenvolvimento de artífices do próprio destino e garante a prosperidade da civilização expressa em qualidade e dignidade de vida.

A crise das estruturas econômicas, por outro lado, advém de uma economia, na qual, há desprezo pelas exigências fundamentais (espirituais) da pessoa, quando o lucro ultrapassa o valor da pessoa, em suma, de uma economia sem sentido. (MOUNIER, 1964, p. 173). Esse é o perigo do capitalismo, quando atribui primazia ao capital. Essa atuação do capitalismo se constitui como um processo despersonalizador. Contra o risco do sistema capitalista, Mounier aponta para a necessidade de um tipo de socialismo baseado nos seguintes princípios:

> [...] abolição da condição proletária; substituição duma economia anárquica fundada no lucro, por uma economia organizada em ordem às perspectivas totais da pessoa; socialização, sem estatização, dos setores de produção que alimentam a alienação radical econômica; desenvolvimento da vida sindical; reabilitação do trabalho; promoção contra o compromisso paternalista da pessoa do operário; primado do trabalho sobre o capital; abolição das classes formadas na divisão de trabalho ou fortuna; primado da responsabilidade pessoal sobre as estruturas anônimas [...] é mais urgente um socialismo renovado, a um tempo rigoroso e democrático. (1950, p.182).

Assim, em seu aspecto espiritual, a revolução visa restaurar a concepção valorativa da pessoa, como ser portador de uma dignidade indelevelmente vinculada ao seu ser, e sua característica intrinsecamente comunitária. Esse valor vai além do econômico, vai além do Estado. Tais valores, como exposto acima, foram abalados pelo espírito burguês e seus desdobramentos. Segundo Moix (1968, p. 99), é somente com a restauração desses aspectos, vinculados à necessária ação no engajamento que uma nova ordem social a favor da pessoa será possível.

Por conseguinte, embora haja a necessidade de uma reformulação estrutural e econômica, o personalismo parte do pressuposto de que o material não é o único necessário para a realização da pessoa. Não há revolução das estruturas sem a revolução espiritual. Mounier utiliza o termo *felicidade* para especificar o demasiado credito que é dado aos valores de ordem fisiológica. Para ele, a ordem fisiológica é sim importante, mas a pessoa não foi feita somente para a matéria.

> A importância excepcional e, é necessário dizê-lo, anormal, que assumem hoje os valores biológicos (a saúde, a vida) e econômicos (a utilização, a organização), nasce do fato de tais valores, valores que ameaçados abalam o organismo humano, se encontrarem presentemente comprometidos. Não é preciso [...] dar demasiado valor ao seu nível. É preciso que o homem saia, via de regra, da miséria fisiológica e social para ascender a valores superiores [...] o valor supremo não pode ser a perfeita organização dos valores vitais e econômicos a que geralmente se dá o nome de felicidade. (MOUNIER, 1964, p. 135).

É preciso, pois, na perspectiva do personalismo mounieriano, prover a pessoa não somente daquilo que é necessário ao corpo, mas também aquilo que é necessário aos anseios mais profundos do seu ser. A pessoa deve ser pessoa em toda sua plenitude, mas isso só será possível, dentro desta perspectiva, se o seu espiritual for levado em conta, assim como o físico. A revolução econômica será espiritual ou não será, porque ao levar em consideração somente a dimensão física da pessoa, o processo fica inacabado. Se assim não fosse, as promessas de uma sociedade baseada no otimismo científico, nas esperanças do capital possibilitariam a paz perpétua. Mas assim não aconteceu. A revolução industrial e o progresso das ciências não vetaram o surgimento de guerras, tiranias e mortes. A pessoa é um ser físico, mas é um ser digno, por sua condição humana; é comunitário, e precisa viver em uma comunidade que possibilite sua realização enquanto tal; é livre e responsável pela construção da história; é espiritual e precisa desabrochar essa vida interior por meio da qual sua vida ganhará pleno sentido.

5 CONCLUSÃO

Diante do exposto, percebe-se que o pensamento de Mounier oferece boas bases teóricas e práticas no que tange à pessoa e à comunidade para a construção de uma nova ordem social em favor da pessoa humana. Seu maior mérito foi ter conseguido elaborar uma filosofia não dogmática e não presa a sistemas ou a ideologias partidárias, mas, ao mesmo tempo, dialógica (por meio da revista e movimento *Esprit*). Além disso, a característica marcante do personalismo mounieriano é o não perder-se apenas nas abstrações do pensamento, mas procurar a aplicabilidade da especulação no contexto histórico da pessoa; é aliar a ação com o pensamento, o material com o valor, o corpo com o espírito, fazendo compreender que, entre essas categorias, não há antagonismo, mas completude.

Não se pode esperar de Mounier uma filosofia de academia, mas encarnada no acontecimento, pois é ele que fornece o conteúdo de sua filosofia. Esse fato, porém, foi desencadeador de alguns preconceitos em torno do seu pensamento. É necessário deixar claro a verdadeira intenção de fundo que Mounier tinha quando propôs sua filosofia. A filosofia personalista de Mounier, por não se prender a sistemas, não vai a fundo à busca de uma definição da essência da pessoa humana. Contudo, a dificuldade deste vácuo é que a reflexão acerca da dignidade da pessoa prescinde, necessariamente, de uma definição de pessoa, pois é seu fundamento. O personalismo de Mounier, portanto, longe de querer abarcar toda a verdade filosófica, foi mais necessário para lançar bases para a construção da filosofia personalista, dado que esta não se restringiu à França, nem somente a Mounier.

A filosofia personalista de Mounier, portanto, apresenta-se como inacabada, carecendo de um aprofundamento acerca da ontologia da pessoa, no que diz respeito a uma reflexão mais substancial que possa servir de base filosófica para o personalismo, fato este que pode ser justificado pela brevidade de sua vida (Mounier viveu apenas 44 anos), ou pelo seu modo de filosofar, partindo do acontecimento. Toda via, até essa circunstância parece corroborar com seu pensamento, pois o personalismo mounieriano, da mesma forma como ele entende a pessoa, como inacabada e dialética, não é um sistema rígido e definitivo. A análise que Mounier realiza, pois, não é uma ontologia antropológica aprofundada, mas uma aproximação do universo objetivo pessoal a partir dos principais sinais que a própria pessoa humana apresenta.

Os aspectos da filosofia personalista que Emmanuel Mounier propõe não são, pois, nem pretendem ser definitivos, mas processuais. Assim, da mesma forma, essa pesquisa não pretendeu exaurir toda a completude do pensamento do filósofo, mas apenas se limitou a

descrever sua concepção de pessoa, como ser possuidor de uma indelével dignidade e essencialmente comunitária, para assim oferecer uma proposta para o estabelecimento de uma nova ordem social a favor da pessoa.

Embora tenha vivido tão pouco tempo, Mounier conseguiu ganhar a admiração de muitas personalidades da contemporaneidade, como Paul Ricoeur e o Papa João Paulo II, como também influenciou de maneira significativa no conceito de democracia cristã, além de oferecer bases teóricas e práticas de ação para a Igreja Católica em seus diversos movimentos sociais, e inspirar teoricamente alguns caminhos do Concílio Ecumênico Vaticano II, realizado no ultimo século. Sua filosofia deixou um legado para uma geração que busca empreender transformações sociais significativas, mas sem esquecer a profundidade do ser da pessoa, que tenham como foco a busca da dignidade da pessoa humana.

REFERÊNCIAS

ABREU, Verônica do Couto. *A contribuição de Emmanuel Mounier para uma reflexão ético-cristã-personalista da pessoa na contemporaneidade.* Tese (Doutorado em Ciências Sociais). Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Universidade Federal do Pará, Pará, 2008.

BUBER, Martin. *Eu e Tu.* Tradução de Newton Aquiles Von Zuben. 2 ed. São Paulo: Moraes, 1974.

_____. *Sobre comunidade*. Tradução de Newton Aquiles Von Zuben. São Paulo: Editora Perspectiva, 1987

_____. *Do diálogo e do dialógico*. Tradução de Marta Queiroz e Regina Weinberg. São Paulo: Perspectiva, 2007.

CNBB. *Instrumentum Laboris. Amazônia: Novos caminhos para a Igreja e para uma ecologia integral.* São Paulo: Paulinas 2019. 127 p.

COQ, Guy. *Mounier: o engajamento político*. Tradução de Guilherme d'Oliveira Martins. Aparecida, SP: Ideias & Letras, 2012.

COSTA, Daniel da. *A emergência e a insurgência da pessoa humana na História:* Ensaio sobre a construção do conceito de "dignidade humana" no personalismo de Emmanuel Mounier. 2009. Dissertação (Mestrado em Filosofia). Faculdade de Filosofia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

COX, Gary. *Compreender Sartre.* Tradução de Hélio Magri Filho. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

DURKHEIM, Émile. *As regras do método sociológico.* Tradução de Paulo Neves e Eduardo Brandão (revisão). 3 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

FRANKL, Viktor E. *Em busca de Sentido.* Tradução de Walter Schlupp e Carlos Aveline. 32 ed. São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis: Vozes, 2008.

JOÃO XXIII. *Carta Encíclica "Mater et Magistra": sobre a recente evolução da questão social à luz da doutrina cristã.* 12 ª ed. São Paulo: Paulinas, 2004.

JÚNIOR, Possidônio F. Barbosa. *Justiça Política e Dignidade Humana:* uma abordagem aristotélica no atual contexto latino americano. Tese (Doutorado em Filosofia). Faculdade de Filosofia, Pontifícia Universidade Lateranense, Roma, 2016.

JUSTO, José Sterza. A psicanálise lacaniana e a educação. *In:* CARRARA, Kester (org). *Introdução à Psicologia da Educação: seis abordagens.* São Paulo: AVERCAMP, 2004. p. 71 - 107.

LACAN, Jacques. *Escritos*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

LORENZON, Alino. *Atualidade do pensamento de Emmanuel Mounier.* 2 ed. Ijuí, RS: UNIJUÍ, 1996.

MOIX, Candide. *O pensamento de Emmanuel Mounier.* Tradução de Frei Marcelo L. Simões O. P. Rio de Janeiro, RJ: Paz e Terra, 1968.

MONDIN, Batista. *O homem, quem é ele?*: elementos de antropologia filosófica.Tradução de R. Leal Ferreira e M. A. S. Ferrari. 17 ed. São Paulo, SP: Paulus, 2015.

MOUNIER, Emmanuel. *O personalismo*. Tradução de João Bénard da Costa. Santos, SP: Martins Fontes, 1964.

_____. *Manifesto ao serviço do personalismo*. Tradução de Antônio Ramos Rosa. Lisboa, Portugal: Livraria Morais Editora, 1967.

_____. *O Compromisso da Fé*. Tradução de Frei Eliseu Lopes. São Paulo: Duas Cidades, 1971.

_____. *Introdução aos Existencialismos*. Tradução de João Bénard da Costa. São Paulo: Duas Cidades, 1963.

NASCIMENTO, Francidilso Silva. A concepção de pessoa no pensamento de Emmanuel Mounier. *Cadernos Zygmunt Bauman,* Maranhão, vol. 9, n. 20, 2019. Disponível em: <http://www.periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/bauman/article/view/11033>. Acesso em: 13 nov. 2019.

REALE, Giovanni; ANTISERI, Dario. *História da Filosofia:* do Romantismo até nossos dias. 8 ed. São Paulo, SP: Paulus, 2007.

ROCHA, Antonio Glauton Varela. *As noções de pessoa e vida pessoal em Emmanuel Mounier:* fundamentos de sua proposta de sociabilidade e de sua crítica ao processo de despersonalização. Dissertação (Mestrado em Filosofia). Departamento de Filosofia, Universidade Federal de Fortaleza, Ceará, 2011.

SARTRE, Jean-Paul. *O ser e o nada: ensaio de ontologia fenomenológica.* Tradução de Paulo Perdigão. 8 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

SEVERINO, Antônio Joaquim. *A antropologia personalista de Emmanuel Mounier.* São Paulo, SP: Saraiva, 1974.

VAZ, Henrique Lima. *Antropologia filosófica I.* 3 ed. São Paulo, SP: Loyola, 1991.